BUTLER, Judith. *Dar cuenta de sí mismo: violência ética y responsabilidad*. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2009. 192 p.

Dalva Maria Soares

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: dalvamariasouares@yahoo.com.br

Dar cuenta de sí mismo é o resultado das Conferências Spinoza, realizadas por Judith Butler, no Departamento de Filosofia da Universidade de Amsterdam, em 2002. Publicado originalmente em inglês (*Giving an account of oneself*), em 2005, e foi traduzido para o espanhol, por Horacio Pons, em 2009, sendo publicado pela Editora Amorrortu, de Buenos Aires. Em três capítulos, Judith Butler dialoga com autores como Adorno, Foucault, Levinas, Laplanche, Hegel, Nietzsche, entre outros, acerca da ética e da responsabilidade na construção do sujeito. A tese central do livro gira em torno da questão de que, como seres sociais, estamos cercados por convenções e regras que nos afetam.

No capítulo 1, *Dar cuenta de si mismo*, Butler se apoia na formulação de Adorno acerca da filosofia moral. Para esse autor, as questões morais surgem quando as normas morais de comportamento deixam de ser óbvias na vida de uma comunidade. Segundo ele, o problema moral se constitui quando há divergência entre os interesses universais e o interesse particular, situação na qual o universal não está em concordância com o indivíduo, nem o inclui. Ou seja, quando a própria reivindicação de universalidade nega os direitos dos indivíduos. Butler ressalta ainda que não significa que o universalismo seja violento por definição, mas que existem condições por meio das quais é possível exercer a violência.

Butler traz também o pensamento de Nietzsche, que afirma: “eu dou conta de mim mesmo porque alguém me pede”, no caso, um poder

delegado por um sistema de justiça. Somos moralmente responsáveis quando temos medo e temor do castigo. Para Nietzsche, a moral surge como uma resposta aterrorizada ao castigo; terror que em sua opinião é estranhamente fecundo. A moral, como um conjunto de regras, é o efeito sublimado de uma agressão primária voltada contra si mesmo. Para Nietzsche é o medo do castigo e das penalidades que nos leva a internalizar as regras morais. Ou seja, a ética é violenta a partir do momento em que assume o direito de sobrepassar os contextos singulares, nos quais se encontram localizadas as existências para formular prescrições universais.

No capítulo 2, *Contra la violência ética*, Butler se apoia na psicanálise e nos limites impostos pelo inconsciente para a reconstrução narrativa de uma vida. Segundo a filósofa, ainda que nos vejamos forçados a dar conta de nossos vários “eus”, as condições estruturais nas quais o fazemos tornam impossível uma tarefa tão exaustiva. O corpo singular a que se refere um relato não pode ser capturado por uma narração total, não apenas porque esse corpo tem uma história formativa que é irrecuperável pela reflexão, mas porque o modo pelo qual as relações primárias nos formam produz uma opacidade inevitável em nossa autocompreensão. Sempre damos conta de nós mesmos em relação a outro¹, seja inventado ou real, e é esse outro que estabelece a cena de interpelação para que eu possa dar conta de mim mesmo. Por outro lado, as próprias condições que utilizamos para dar conta, e das quais nos valem para ficarmos inteligíveis para nós mesmos e para os outros, não são obra nossa. Elas têm um caráter social e estabelecem normas sociais, um âmbito de falta de liberdade e de possibilidade de substituição dentro do qual se contam nossas histórias “singulares”.

Para desenvolver seus argumentos, Butler recorre a autores como Hegel, Cavarero, Lacan, Foucault, Levinas, que nem sempre têm posições compatíveis entre si. Mas a autora adverte que a síntese não é seu objetivo; o que lhe interessa é o que cada uma das teorias lhe sugere de importância ética, derivada dos limites que condicionam qualquer esforço que pudermos fazer para dar conta de nós mesmos. Sobre essa base, Butler afirma que o que, com frequência, consideraríamos um “fracasso” ético bem pode ter uma valência e uma importância éticas.

No capítulo 3, *Responsabilidad*, Butler considera as tentativas diacrônicas e sincrônicas de estabelecer o surgimento do sujeito, incluídas as implicações éticas dessas concepções. A autora também analisa a contribuição de Adorno para uma teoria da responsabilidade que compatibilize as chamadas “dimensões humanas e inumanas” das disposições éticas e, para isso, Butler examina a relação de uma política crítica com uma ética e com uma moral que, por momentos, exige dar conta de si mesmo em primeira pessoa. A autora busca mostrar que a moral não é um sintoma das condições sociais, nem um âmbito no qual ela é transcendida, mas, ao contrário, um papel essencial na determinação da agência e da possibilidade da esperança. Com a ajuda de Foucault, a filósofa busca mostrar que a questão da ética surge precisamente nos limites de nossos esquemas de inteligibilidade, no âmbito de onde nos perguntamos o que pode significar prosseguir com um diálogo em que não é possível supor nenhum terreno compartilhado, no qual nos encontramos. Para dizer de outro modo, nas fronteiras do que conhecemos, mas de todas as maneiras precisamos receber e oferecer reconhecimento a alguém que está ali para ser interpelado e cuja interpelação deve se admitir.

Por fim, o livro de Butler afirma que a reflexão moral não pode ser considerada fora do contexto social e político no qual é formulada. A autora critica a tendência a uma naturalização de um sujeito autônomo, ao qual deve se contrapor o caráter relacional de cada vida. Nenhuma vida pode se referir a si mesma e construir um relato adequado de seu desenvolvimento, nem tão pouco falar de sua emergência no mundo sem considerar as condições de seu nascimento e desenvolvimento, e também das normas sociais que a influenciam. Na relação com o outro, que me interpela, que questiona quem sou eu, vou me definindo enquanto sujeito. É nesse contexto de questionamento sobre as condições de possibilidade de uma relação moral em relação a si mesmo e ao outro, que vou me constituindo como sujeito.

Em síntese, o desafiador no livro de Butler é nos levar a pensar que estamos inegavelmente ligados ao outro, sofrendo sua interferência, desde o nascimento, e que é por meio dessa racionalidade ou sociabilidade que surge a ética.

Notas:

- ¹ Judith Butler explica que utiliza o conceito de “outro” para denotar outro humano em sua especificidade.

Recebido em 06/05/2013

Aceito em 19/08/2013